

Entrevista: Os desafios do curso de Tecnólogo em Segurança Pública CEDERJ/ UFF

Entrevistadas

Andréa Soutto Mayor DSP/UFF e Mônica Garelli Machado. Cederj/UFF

Entrevistadores

Bruno Leipner Mibielli InEAC/ UFF e Marcos Veríssimo InEAC/ UFF.

Edição: Bruno L. Mibielli.

Bruno: Boa tarde, antes de começar gostaria de agradecer às professoras Mônica e a Andréa por aceitarem dar entrevista para a Revista Campo Minado. Desde a primeira edição da revista, as entrevistas integram uma de nossas seções e, mais uma vez, teremos oportunidade de conversar sobre o curso de Tecnólogo em Segurança Pública (CEDERJ/UFF), dialogando com pessoas que fazem esse curso acontecer. Anteriormente também entrevistamos o Professor Pedro Heitor, que foi coordenador do curso, o Professor Carlos Bielschowsky (Carlinhos), um dos fundadores do projeto do Cederj e por último o professor Roberto Kant, que foi o precursor do curso de tecnólogo e do bacharelado em Segurança Pública.

Nossas entrevistadas de hoje são pessoas muito próximas, Andréa coordenou o curso tecnólogo e, também, é coordenadora de disciplina. Mônica é desde o início do curso coordenadora de tutoria. As duas com participação decisiva na criação e execução da Revista Campo Minado.

Bom, feita essa pequena introdução gostaria de saber de vocês as suas trajetórias ligadas ao EaD e ao tecnólogo de Segurança Pública.

Mônica: Ok, Quem começa? Eu ou você, Andréa?

Andréa: Pode começar.

Mônica: Bom, no meu caso a educação à distância me acompanha desde lá de trás, bem antes do projeto do CEDERJ. Só para contextualizar como é que eu fui descobrindo isso tudo, o meu pai fez o Madureza Ginásial, que é uma coisa das antigas, que eu acho que aqui ninguém conhece. Era um projeto que passava na televisão às seis ou cinco e meia da manhã. O aluno recebia os módulos do MEC, antigamente tinha um posto do ministério em algumas localidades, e você pegava aquele material didático, ficava em casa assistindo na televisão e estudava por ali, e aí tinha uma época que era marcada a prova. Então, todo mundo ia fazer a prova lá do Madureza.

Eu achava muito interessante esse formato. Era uma oportunidade que as pessoas tinham de estudar, principalmente no interior, que é até hoje uma questão da educação à distância. O formato do Madureza é bem parecido com o do Telecurso, que utilizou a TV como parte do ensino. O programa começou no rádio e depois foi para a televisão. Porque a televisão, por exemplo, lembro que a primeira vez que eu tive televisão foi em 1970, na Copa, nessa época a televisão era artigo de luxo e a maioria das pessoas tinha rádio em suas casas.

Então, desde ali já surgiu um interesse na educação à distância. Mas, para chegar ao formato que ela tem hoje, foi uma caminhada. O ensino EaD foi normatizado em 2000, quando o Professor Carlinhos e o Celso Costa – já fazendo parte do Governo em Brasília – criaram a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e regulamentaram a modalidade. Então, você vê quanto tempo foi até chegar realmente na educação à distância que é o que a gente tem hoje no Brasil?!

Paralelo a isso, do início da década de 1980 até 1990, eu trabalhei para a Fundação Brasileira de Educação (FUBRAE), que tinha como sede o Centro Educacional de Niterói. Nessa época, eu ainda era graduanda e fazia matemática. Na instituição, eu era professora plantonista em um curso. Lá funcionava da seguinte forma: eles tinham os módulos, semelhante ao que o SES e o SEJA têm hoje. O aluno ia até lá, pegava o módulo, levava para casa, estudava, voltava e contava com uma pessoa que era plantonista para tirar dúvidas.

Como disse, essa era minha função. Eu atendia em vários locais, inclusive dentro do jornal O Globo. Tinha polo na Penha, dentro de uma Igreja Batista na Ilha do Governador,

dentro da Odebrecht, em Botafogo. Eu ia para esses polos em determinados dias e horários para tirar as dúvidas dos alunos. Eles faziam a prova lá e tinha uma pessoa que a gente chamava de monitor, que ficava dando as provas e corrigindo na hora. E existiam as outras pessoas, que eram os professores responsáveis por tirar as dúvidas. É bem parecido com o que existe na tutoria presencial hoje, no CEDERJ .

Eu trabalhei anos com isso, e a educação a distância sempre esteve ali, andando comigo. Trabalhei em curso supletivo, no colégio José Bonifácio e também no supletivo naquele colégio Cenecista. Nesses colégios era o mesmo esquema: o aluno levava o material e voltava para fazer a prova. Enfim, essa foi a minha trajetória, sempre ligada ao EaD. Quando eu terminei a graduação, dei aula em vários colégios particulares, mas continuei na Fundação Brasileira durante um tempo. No início dos anos 2000, quando a UFF começou com os cursos a distância, eu tinha ligação com o pessoal da Matemática, que foi o primeiro curso da UFF com o CEDERJ. Eu comecei a trabalhar no concurso da instituição e nas matrículas. Fazia então essa parte administrativa, mas também algumas atividades na parte docente.

Foi assim que eu conheci o CEDERJ, os polos, a direção e me familiarizei com a instituição e suas estruturas. Avançando um pouco mais para o início dos anos de 2010, época em que eu trabalhava na PROAC, que hoje é a PROGRAD aqui na UFF, eu já tinha feito curso de docência superior e tive a possibilidade de fazer o mestrado pela própria.

No meu mestrado, o que é uma coisa meio louca em termos de trajetória profissional, foi dentro da Engenharia de Produção, mas eu pude escolher uma área voltada para a educação à distância. Foi então que comecei a me aprofundar no EaD, terminei o mestrado em 2013 e ,na época, minha orientadora estava montando um curso de especialização à distância na UFF. Esse curso serviu como meu campo de trabalho e de pesquisa, assim tive a oportunidade de avaliar a plataforma, o tutor e o conteúdo.

A proposta que eu fiz para minha dissertação era a partir do olhar do aluno, da percepção dele sobre o curso EaD, e eu tive facilidade para levantar esses dados. Como eram turmas fechadas e o aluno só tinha acesso à sua nota na disciplina se ele fizesse um questionário de avaliação, logo todo mundo respondia. Eu consegui um índice de 95% dos

alunos. Os que não responderam foram caso de evasão ou alguma coisa assim. Então, eu tive uma amostra muito boa, eram por volta de dez turmas. Além desses questionários, eu também atuei no curso como tutora e passei por várias turmas, como orientadora e avaliadora. Assim, vivi essas experiências para ver o que acontecia, como é que era, o que meus colegas faziam, o que eu concordava ou não, e , o que eu tinha que mudar.

Em paralelo a isso, comecei a estudar o modelo americano de educação à distância. Nos Estados Unidos não é semipresencial como aqui no Brasil, onde a lei obriga a ter a parte presencial. Lá não existia isso, é totalmente à distância. Quando eu peguei esse modelo e adaptei para aqui e para o Brasil, o que mais chamava atenção, claro, era a plataforma, mas o grande destaque foi a importância do tutor em um curso EaD, por isso é que eu bato sempre nessa questão.. Porque o curso a distância pode ser o melhor possível, muito bem escrito, ter uma ótima qualidade de materiais, mas se eu não tenho um tutor, que esteja a frente das disciplinas e que saiba conduzir a disciplina, o curso não vai adiante.

O principal aspecto positivo do tutor que eu levantei na dissertação foi a empatia. É o que faz você conseguir ultrapassar esse limite da tela, do outro que está do outro lado do computador ou celular. E também a questão do tutor presencial, porque no presencial, você não é um professor como você está acostumado, o aluno está acostumado com o ensino presencial até o ensino médio. Então, você ultrapassar esse limite, quando a pessoa chega no polo e não encontra aquele professor, é um trabalho que tem que ser muito bem pensado em como deve ser feito. Por exemplo, uma vez a gente chegou no polo de São Gonçalo e tinham vários tutores sentados em uma mesa grande, mas não tinha nenhum aluno, eram uns 10 tutores sem nenhum aluno. No ponto de vista dos tutores, os alunos sabem do horário, mas se não houver essa empatia, do tutor buscar se relacionar com o aluno, a tutoria não vai adiante. Assim, o tutor tem que ter essa atitude, buscar o contato e ser ativo nessa comunicação, como qualquer outro tipo de trabalho. Para mim é essa questão, eu penso que qualquer tipo de trabalho, ele tem que ser visto desse jeito.

Bruno: E como foi que aconteceu sua ligação com o Tecnólogo? Se deu a partir do trabalho do Kant na Pró-Reitoria?

Mônica: Isso começou quase na mesma época do meu mestrado, acho que foi em 2012. Na época da minha dissertação, o Kant foi ser coordenador dos cursos de *Lato Sensu*. Foi então que eu comecei a lidar com a coisa da segurança pública ali. Tinha o curso de Políticas Públicas, Justiça Criminal e Segurança Pública, e eu comecei a dar apoio ao Kant nesses cursos. Depois disso, foram criadas algumas outras iniciativas, como o Curso de Capacitação da Guarda e tiveram outras coisas acontecendo, como aquele curso de Especialização em Políticas Públicas e Gestão Governamental.

Em meio a isso tudo, a Secretaria de Segurança Pública demonstrou interesse em montar o curso à distância e, como eu já tinha experiência com EaD, o Kant me chamou e comecei a participar das reuniões entre CEDERJ, UFF e a Secretaria de Segurança Pública. Na época, a Luciana Patrício estava na Secretaria. Então, a gente começou a ir lá para começar a desenhar o curso: como ia ser o currículo, os objetivos do curso e os alunos.

Bruno: Você lembra quem que estava no comando da polícia na época? Porque a demanda pelo curso veio do comando da Polícia Militar e da Secretaria, não foi?

Mônica: Beltrame.

Andréa : Isso, o Beltrame.

Mônica: A iniciativa partiu do secretário Beltrame, junto com o Celso Costa e com o Carlinhos. Como o Celso era da UFF, ele foi a ponte para começar a conversar com o Kant; então foi feito o convite e começamos discutir todo o currículo do curso. Havia as questões mais administrativas e burocráticas, do que podia ser feito ou não poderia e, por outro lado, a questão dos módulos. O CEDERJ foi dando cursos, de como é que tinham que ser feitos os módulos, estes que eu falo são os livros. Porque os livros da educação à distância, não sei se vocês já perceberam, eles têm escrita numa parte da página, em outra é em branco, isso é proposital, é justamente para o aluno fazer as anotações.

Esse material tem um outro tipo de linguagem. Eu participei bastante nesse começo porque quem tinha essa experiência era eu. Entrei dando apoio nesse momento de como a gente tinha que constituir isso e, desde o início, chamando a atenção da importância da tutoria dentro do curso e de como essa tutoria teria que funcionar. Nós tínhamos dois problemas: um

que o curso era exclusivo para os agentes de segurança pública; o segundo era que a gente estava entrando com uma tutoria dentro do CEDERJ, que já tinha um modelo montado e não tinha como mudar. A gente tinha que adaptar o curso ao que a instituição já tinha, mas não podíamos fazer igual. Foram todas essas coisas acontecendo até o curso começar, em 2014. Por causa da minha experiência com EaD e do meu trabalho no mestrado, acabei assumindo a coordenação de tutoria, e lá se vão 11 anos.

Bruno: Obrigado Mônica. Acho que foi bom este resumo de tantos anos de trabalho e dedicação. Interessante sua fala sobre sua dissertação e de como ela vem sendo utilizada como referência por alguns outros estudos. Andréa, agora vamos com você: como foi a sua trajetória e seu trabalho no Tecnólogo?

Andréa: Vamos lá, acho que tem dois momentos que eles se atravessam. Meu primeiro contato com o EaD foi em 2010 - antes até da fundação do Tecnólogo - que eu fiquei responsável pela coordenação de uma disciplina no curso de especialização em Educação Especial, que era ofertado na Unirio, dentro do mesmo consórcio CEDERJ, quando estava começando lá. Entre 2010 e 2013, eu coordenei essa disciplina, mas, primeiro, fui tutora e depois passei a coordenadora.. E realmente foi uma coisa muito nova para mim, quando você começa a ver o processo educacional mediado por tecnologias. Era uma época em que o EaD tinha o telefone, o 0800. Ficávamos na Unirio atendendo ligação em plantão, e os alunos ligavam pouco e a gente não entendia o porquê disso de vez em quando, um aluno aparecia lá. Foi um processo de aprendizado interessantíssimo que passa por isso que Mônica falou: a questão da empatia. Se não tiver empatia, esquece. Não ter o entendimento de que o aluno é o centro, é problemático para qualquer curso EaD. De toda forma, esse também é um assunto para o curso de Segurança Pública, pois estamos lidando com alunos e eles também estão aprendendo isso. Quantos anos nós levamos para dominar essa tecnologia? Então, vamos ter calma também nas expectativas que a gente cria em relação à participação dos estudantes..

Mais à frente, em 2014, eu ingressei na UFF como professora efetiva. E, em 2016, eu passei a atuar também no Tecnólogo em Segurança Pública como coordenadora da disciplina de Introdução à Educação a Distância (EaD), a qual ainda coordeno.

Bom, essa é minha trajetória com o Tecnólogo, mas na verdade eu tenho uma história, na área de segurança pública que começa em 2005, 20 aninhos atrás, quando fui responsável pela disciplina Psicologia em Administração de Conflitos no curso de Capacitação da Guarda Municipal. Esse curso foi ofertado pela UFF, a partir do contato com o professor Roberto Kant.

Então, desde 2005 estou nessa aproximação com a segurança pública e com a temática da área. Em 2016, eu comecei no Tecnólogo de Segurança Pública e fui capacitada pela Dylla. Eu estava em Campos e foi através de encontros virtuais que ela foi me passando o básico; e eu sempre pedindo para ela falar mais devagar (risos). E assim fomos e estamos aqui até hoje.

Dylla: Mas este ano eu melhorei!

Andréa: Melhorou muito, está de parabéns! Mas voltando aqui, eu fiquei até 2018 como coordenadora dessa disciplina. É uma disciplina ótima porque é para o primeiro período e ela propicia ao aluno o passo a passo do ambiente virtual. Só falta dizer como é que se liga o computador, mas o objetivo dessa disciplina é auxiliar os alunos a aprenderem a usar a plataforma: como envia uma mensagem, como participa de uma videotutoria, o que é o *Google Drive*, como é que gravar um podcast... Quer dizer, ela foi criada logo no início do curso, por ideia de Mônica, com o objetivo de auxiliar os alunos na utilização da plataforma.

Ainda em 2018, com a troca da coordenação do curso, o professor Pedro me convidou para ser vice-coordenadora, com a professora Ludmila na coordenação. A partir daí, começamos a desenvolver um trabalho e, no final de 2019, a professora Ludmila precisou se afastar. Eu ainda fiquei um tempo meio no limbo, dividida entre a vice-coordenação e as minhas funções na disciplina. Mas essa situação não demorou muito a se resolver. Não me lembro exatamente quando, mas com certeza eu sei que foi antes da pandemia, quando eu assumi a coordenação *pró tempore* do curso. Sempre trabalhando em parceria. Isso é uma coisa que gostaria de enfatizar: eu acredito no trabalho em parceria. O trabalho do Tecnólogo, se não tiver parceria, ele não funciona. E não é só a parceria administrativa entre coordenação, estrutura e secretaria; é todo mundo. São as coordenações de disciplina e os tutores coordenadores, que são pessoas estruturais no funcionamento do curso. Como são

pessoas indicadas pelas direções dos Polos, então, elas fazem uma ponte importantíssima entre a coordenação do curso, a coordenação de tutoria, a secretaria e as direções dos polos. E, se não tiver empatia, não funciona, e se os tutores coordenadores não entenderem a dinâmica, e que a coordenação está disponível, eles travam. Então, isso foi uma marca da minha gestão, a disponibilidade para todos.

Bruno: Vou aproveitar que já estamos entrando nesse ponto da articulação entre os atores para perguntar, tendo em vista essa experiência de vocês: quais são as particularidades e desafios que diferenciam o Tecnólogo dos demais cursos oferecidos pelo CEDERJ?

Andréa: É porque é um curso voltado para operadores da Segurança Pública. A diferença é essa. Alunos de todos os cursos do CEDERJ, em sua grande maioria, são recém-saídos do ensino médio, não têm experiência profissional, são jovens e têm uma intimidade com a tecnologia. É a geração que nasceu e cresceu no digital, que ao invés de ganhar na maternidade um bichinho de pelúcia, ganhou um mini-tablet. Então, eles utilizam essas ferramentas todas com uma facilidade que os estudantes do tecnólogo não costumam ter, porque é um curso de oferta exclusiva para gente da ativa, de segurança pública. Portanto, são pessoas mais velhas que trabalham, que já têm uma experiência de trabalho e que estão afastadas há alguns anos do ensino formal e isso é um grande desafio.

Tem também um outro desafio que é o conteúdo do curso, que apresenta uma perspectiva da segurança pública a partir do olhar da sociedade. Isso, para muitos alunos, é uma novidade. Essa visão da importância da sociedade nessa discussão, em que normalmente se tenta separar o “eles” de “nós”, mas aqui se constrói um entendimento de que a segurança pública está presente em todos os espaços, nas mais diferentes formas. Isso faz uma diferença brutal. Além disso, os alunos têm atividades profissionais com horários de trabalho diferentes e escalas. As escalas, por exemplo, geram um problema para eles fazerem as Avaliações Presenciais.

Eu participei de várias reuniões com o CEDERJ e eles tinham muitas dificuldades de entender as diferenças dos nossos alunos do Tecnólogo. E foram muitas reuniões que participei, até porque, como eu tinha falado, virei coordenadora *pro tempore* em 2020 e, de 2022 até abril de 2025, fiquei como coordenadora eleita do curso. Então, acredite, foram

muitas reuniões! Nas reuniões de colegiados de coordenadores do curso CEDERJ, eu precisava dizer: “Olha, vocês vão marcar isso nessa data “X”, mas tem um evento, tem show da Madonna, e os alunos da Segurança Pública não vão poder ir, porque estarão todos mobilizados. Não porque eles querem ver o show, mas porque estão escalados para trabalhar nele. E não é somente trabalhar na hora do show, eles começam a atuar 48 horas antes. Então, sempre ressaltai que é preciso considerar isso no planejamento e também na condução da coordenação. Porque se o aluno pede para fazer uma avaliação suplementar, a APE, porque ele não pode fazer alguma, ele está precisando complementar, ele vai dizer: “Olha, eu estava trabalhando no show da Madonna,”. Acho que essa é uma diferença gigantesca em relação a todos os outros cursos.

Mônica: Aproveitando o que a Andréa falou, durante a construção do curso, acontecia o seguinte: como todo o nosso estudo é semipresencial, quando os nossos alunos começaram, eles tinham uma faixa etária acima de 35 anos. Hoje em dia, essa faixa etária até diminuiu, mas era acima dessa idade. Muitos deles não sabiam mexer em nada no computador, e, pela minha experiência no trabalho de campo, eu via que era necessário ter uma disciplina introdutória que mostrasse para eles a plataforma e o que eles teriam que fazer. Porque tinha gente que nunca tinha ouvido falar em download, tinha aluno que não tinha nem e-mail.

Foi por isso que insisti que precisava ter uma disciplina no início que mostrasse isso para os alunos. Porque, apesar do CEDERJ ter uma disciplina chamada Introdução à Informática, ela não ensina a fazer operações como essas que falei. Então, teve uma intencionalidade na criação do curso para essa disciplina.

Outro diferencial que teve na criação do curso foi que, por ser um curso à distância, temos esse público diferenciado, e isso exigia uma avaliação diferente. Por isso, a nossa AD tem peso 40 e a nossa AP, 60. Não é o que acontece nos outros cursos, em que eles têm peso 20 na AD e 80 na AP. Mas esse olhar sobre o nosso público-alvo fez a gente mudar esse parâmetro de notas, sobre como pontuar para esse aluno. E isso envolve que ele faça uma atividade à distância, mesmo ele estando em plantão, tem a possibilidade de fazer e já garantir quase 40% da nota. Se o aluno se esforçar e se interessar, ele já sai com um grande ganho, mesmo com os plantões dele e não tendo condições por ter um horário diferenciado.

Tudo foi pensado dessa maneira, fazendo as mudanças que eram necessárias diante das particularidades do nosso curso.

Marcos: E como foi negociar essas adaptações, Mônica? Foi tranquilo?

Mônica: A questão é que a lei permite isso. Você não pode colocar meio a meio (50/50). Mas, você pode colocar 40/60. Então, o mínimo é esse e a gente foi no limite do peso máximo que a avaliação a distância pode ter. Outra coisa que acontece em relação aos outros cursos do CEDERJ, como no curso de Matemática, por exemplo, é que se trata de um curso que tem muito policial. Mas não aparece isso em estatística nenhuma, isso porque não é feito esse tipo de levantamento. Eu sei porque levantei esses dados quando cursei a especialização. Fiz um comparativo entre o curso de Matemática presencial da UFF com o de Matemática a distância do CEDERJ/UFF. Como eu já trabalhava com isso lá em 1992, fiz esse comparativo do perfil dos alunos. Também fiz algumas entrevistas e sempre tive esse perfil de aluno no EaD. Hoje em dia, eu não sei como está, mas a gente tinha muito aluno policial nessa época e, por eu participar da organização dos vestibulares, eu via quem ia fazer a prova e sabia quem é que estava fazendo para qualquer curso. Por não haver o curso de Tecnólogo, não atraía os policiais, mas a procura por outros cursos era significativa.

Bom, mas voltando lá nas contribuições para o curso, uma delas foi a criação dessa disciplina introdutória, para dar base aos alunos nas questões do uso das ferramentas. A outra foi a questão da nota, sobre como a gente poderia equilibrar melhor o peso da AD e da AP. O nosso diferencial é justamente essa questão dos tutores, porque a gente faz as reuniões semestrais, pelo menos uma semestral. O que a Andréa já abordou, que é a questão do tutor coordenador, a gente faz uma reunião exclusiva com eles, específica. E, depois, eles participam de uma outra com todos os tutores. Esse contato é muito importante, como já ressaltamos aqui.

Bruno: Essa reunião com o tutor coordenador conta com outros tutores presenciais?

Mônica: Não, é somente com o tutor coordenador, que é indicado pela direção do polo. Mas a gente precisa ganhá-lo. Porque, logicamente, ele está no polo, se o diretor do polo não quiser mais que ele fique, vai arrumar um jeito de tirá-lo. Por isso, a gente faz esse outro

trabalho, fazendo reuniões com eles, temos um grupo com eles e nós os colocamos como centrais para o curso. Inclusive eles fazem parte do Colegiado do Curso, e acho que em nenhum outro curso isso acontece.

Bruno: E quais foram os desafios que vocês enfrentaram à frente da Coordenação do curso e da tutoria?

Andréa: Eu acho que o grande desafio, depois dos desafios da implementação do curso e dos diálogos com as polícias, que o Kant fez, a Mônica, e o Pedro Heitor, que foi o primeiro coordenador fizeram, veio uma coisa chamada pandemia. E a pandemia foi um verdadeiro pandemônio. Porque ninguém sabia o que estava acontecendo, as informações eram sempre desconstruídas e apavorantes, e o CEDERJ não parou. Quer dizer, parou por duas semanas, mas, após esse período, as aulas retornaram. E foi um período muito difícil para todo mundo, a gente estava trabalhando muito, a quantidade de reuniões diárias era absurda e eu acho que, além das reuniões administrativas, a gente tinha reunião com tutores, com alunos, com o GESP... E foi indo assim, nosso mundo era caos, medo e reuniões.

Mônica: Eu tenho três agendas cheias com anotações de reuniões de que participei na pandemia.

Andréa: E, em paralelo a essa situação pandêmica, o CEDERJ já vinha sofrendo alterações de direção e, nesse período de dois anos, a instituição teve várias direções diferentes. Então, um consórcio, e aí eu não estou falando nem do curso de Tecnólogo, eu estou falando de um consórcio que funcionava muito bem, na gestão do Carlinhos e na gestão da Marílvia, onde as reuniões eram presenciais e agradáveis, virou um completo caos. Porque, por exemplo, a gente só sabia que tinha trocado a direção na hora que a gente entrava numa reunião e havia um outro diretor acadêmico presidente da fundação ou diretor acadêmico. Então, gerir isso foi, assim, absolutamente desgastante. A Dylla, por exemplo, nossa secretária do curso foi demitida bem no começo da pandemia, aí tivemos que ir eu e a Mônica lá, presencialmente no CEDERJ, para resolver essa questão. Foi um período muito difícil para manter o curso. É preciso dizer da importância das professoras Alexandra e Regina Moretti nesse período. A professora Alexandra era nossa Pró-reitora de graduação e a professora Regina Moretti, coordenava o EaD-UFF. Nos cursos da universidade fluminense de graduação, nós fizemos

várias reuniões com elas que entenderam a dificuldade que os cursos estavam passando nesse período, deram-nos suporte e se posicionaram junto ao CEDERJ.

Então, nesse período foi sempre uma costura complexa. Por exemplo, o professor Pedro Heitor e o professor Lênin, que estavam à frente na direção do Instituto de Administração de Conflitos, fizeram uma intervenção na questão da demissão da Dylla junto à presidência do CEDERJ. Mas, enfim, esse período de pandemia, que coincidiu com mudanças na direção geral e presidência, foi, com certeza, durante a minha gestão, a maior crise da instituição, trazendo grandes desafios para nossa gestão, na administração e na coordenação do curso.

Por outro lado, é claro que esse período de crise teve aspectos positivos. Por exemplo, nós, que dentro da estrutura da universidade somos um Instituto, tínhamos uma expertise em EaD, coisa que a maioria dos outros cursos da universidade não tinha. Então, a gente conseguiu transformar o bacharelado 100% em EaD naquele período em que as aulas eram 100% remotas por causa da pandemia. E os professores do bacharelado também eram professores do Tecnólogo, então já tinham essa expertise de trabalho. A professora Klarissa era a chefe do departamento na época da pandemia e apresentou sugestões para a Prograd – (Pró-Reitoria de Graduação) que foram aceitas,. Assim, conseguimos trazer também para a universidade uma expertise que a gente já tinha. Mas, de toda forma, foi um período muito desafiador.

Bruno: Eu imagino que, se sem crise de pandemia, articular a parte acadêmica da universidade com a questão administrativa do CEDERJ já é um grande desafio, durante a pandemia e com as mudanças constantes deve ter sido bastante estressante.

Andréa: Sim, isso me fez lembrar uma coisa que o Kant sempre falava em relação ao CEDERJ: a engenharia e a importância de conseguir conciliar o calendário de todas as universidades públicas do Estado do Rio. Isso também é uma habilidade do consórcio que precisa ser valorizada. Essa estrutura precisa ser valorizada, porque ela realmente permite o alcance da educação para pessoas que não têm acesso, é um grande projeto de inclusão. As pessoas esquecem disso, e cada vez que eu vejo o CEDERJ sofrendo, a gente sofre junto porque a gente sabe da importância disso. Por exemplo, no nosso curso já são mais de 5 mil

alunos formados, isso é muita gente! Esse curso foi a maior formatura da universidade e da instituição também, com mais de 500 alunos. Isso é um sucesso!

Mônica: É uma engrenagem muito grande e que funciona, mesmo com todos os seus desafios. Porque, com todas as características e todas as diferenças de instituições e de cursos, ele funciona. Você pode ver que tem cursos de graduação presencial que não têm nota máxima no MEC e tem cursos EaD que têm. E como isso acontece? É uma engrenagem que funciona, é uma roda muito grande, mas que consegue mesmo com todas as dificuldades, cumprir seu papel.

Andréa: E ainda tem um outro aspecto que - acho que a Mônica está querendo dizer - é a função administrativa. Ela nunca é vista: ela é apedrejada, criticada e questionada...

Mônica: Estão vendo, isso é trabalhar em parceria, a gente não fala, a gente olha, entendeu? Aí vocês conseguem entender como é a parceria nessas esferas. A gente dando suporte sempre um ao outro, isso é muito importante. E a grande engenharia do Tecnólogo está exatamente nesses detalhes que são feitos para o curso conseguir existir. Por várias e várias vezes, eu esbarrava com o Kant aqui, ele passava e só do jeito de eu olhar ele já sabia que a gente tinha que sentar para resolver algum problema. E era feito assim, sentava, resolvia e ninguém ficava sabendo, por isso formar essas parcerias é muito importante.

Essa engenharia não é só a coordenação, não só a parte administrativa, mas fazer mesmo a engrenagem funcionar. Por exemplo, a Regina Moretti foi uma pessoa da UFF que esteve dentro do CEDERJ e que sempre foi uma pessoa muito essencial para a gente. Ela é um destaque mesmo. O Carlinhos é um gênio, ele sabe pensar, desenhar o que quer, e também sabe delegar para as pessoas que estão com ele trabalhar na execução daquilo que ele visualizou. A Regina sempre foi muito parceira e ela tem um olhar global sobre o curso, tem a visão do aluno, a visão do docente e do polo. Ela tem essa visão, sabe?

Andréa: A visão administrativa da universidade. Ela realmente foi fundamental nesse período da pandemia.

Mônica: Além dela, tivemos a Ani também, que trabalhava com a Regina, que infelizmente teve um problema de saúde e nos deixou. Ela trabalhava dentro do CEDERJ e trabalhava com

as tabelas de Excel. Porque hoje é tudo em sistema, mas antigamente, a gente ia no polo, os polos aplicavam as provas, então a gente ia lá, pegava as provas, digitava naquela planilha Excel e mandava por e-mail para a Ani. Quando dava para mandar por e-mail, isso quando não ultrapassava o limite, porque não existia *Google Drive* naquela época, a gente copiava em vários disquetes para trazer para o CEDERJ para colocar. E ela tinha toda a parte de notas, tudo em planilha Excel. Você imagina isso, por cada polo e para cada curso. Que loucura que era? Ela era da UERJ.

Marcos: E aí é um grande desafio, que é a institucionalidade dessas engrenagens, que acaba dependendo muito da dedicação pessoal de alguém no trabalho. E quando essa pessoa, ou por uma infelicidade, morre, ou vai para outro lugar fazer outra coisa, se perde a memória do funcionamento. Pelo que vocês estão falando me parece que aqui não; fico com a impressão que se conseguiu, ao longo do tempo, que essa passagem de bastão fosse bem acertada.

Andréa: É uma passagem muito cuidadosa. Quando o bastão passou do Pedro Heitor para a Ludmila e, depois, para mim, quando eu assumi, eu já estava inteirada por ser a vice-coordenadora. Agora a passagem do bastão para Paloma também foi muito cuidadosa, nós tivemos algumas conversas com ela e com o Douglas, para eles assumirem. Eu tive algumas conversas com ela exatamente porque a coordenação é um espaço de diálogo, e aqui ninguém está para guardar o conhecimento dentro do corpo e levar para casa. A gente quer compartilhar o conhecimento. É muito importante isso, e faz parte dessa engenharia que vai desde o diálogo dos tutores com os alunos até as articulações entre a coordenação do curso com o CEDERJ e a Universidade.

Marcos: Tem uma coisa que eu queria perguntar para vocês, que é um fato que eu acho muito legal: a quantidade de alunos, e isso tem crescido nos últimos anos, que, após o Tecnólogo, voltam para universidade, mas para fazerem o bacharelado em Segurança Pública. Alguns continuam a carreira acadêmica e fazem mestrado e doutorado. Como vocês veem isso?

Andréa: Algumas coisas. Uma delas é que o aluno do Tecnólogo ele ainda tem dificuldades de entender que ele está na universidade. As tutorias são escolas, e quando alguns deles começam a entender a dinâmica da universidade, o papel real dela na sociedade, a

importância disso e a participação nos eventos presenciais, eles começam a olhar isso aqui com o desejo de estar aqui, aprender mais, de se aprofundar e de escrever um TCC. Acho que eles são mordidos pela mosquinha da produção do conhecimento. Começam a querer aprofundar os estudos, começam a ter uma visão de que esse lugar é importante e interessante. Eu acho que isso faz uma diferença, além de quererem ter contato com outros alunos, ter essa dinâmica da presencialidade. Aluno, de um modo geral, por incrível que pareça, tem um apego muito grande ao caderno. Então, acho que tem esse desejo, de querer mais e reconhecer que esse mais que eu quero é muito importante.

Mônica: Aí tem a questão também do pertencimento à universidade. É que alguns descobrem nesse caminho do Tecnólogo o interesse por uma vida acadêmica que eles não conheciam. Muitos partem desse interesse na vida acadêmica. E talvez muitos que procuram o bacharelado, fazem também para poder ir ao mestrado, com esse interesse na vida acadêmica. Ou pela exigência, ou porque no bacharelado ele pode ter mais contato com a iniciação científica e com uma monografia, que pode servir para ele como uma experiência já pensando no mestrado.

Outro ponto que me chama atenção, é a formação dos tutores do curso. Por exemplo, a Tayná, eu a acompanhei quando ela só tinha a graduação e era tutora presencial. Porém, as a partir do trabalho dela, a Cleide Mara, na época, fez todo um esforço para que ela se tornasse tutora coordenadora. Eu fui uma das pessoas que falou para Cleide: “A Tayná precisa fazer uma especialização, precisa se especializar em algo voltado para o EaD”. Ela buscou uma formação, até que a Tayná teve interesse de vir fazer o mestrado e, depois, o doutorado. Então, até para o tutor é um caminho que se abre.

Assim como a Tayná tivemos outros, como a Erika, o Daniel, o Jaider, o Charles e a Perla, que foi aluna do Tecnólogo e veio incentivada pela Erika. E uma pergunta que pode ajudar a entender esse interesse dos alunos é: de quais polos eles vêm? Porque esses tutores coordenadores - e tutor presencial, no caso do Jaider - que trilharam esse caminho acadêmico, será que podem ter influenciado os alunos? Isso tem que ser levantado e estudado, mas pode ser um tipo de inovação que temos aqui no curso e que não se vê em outros. Tem vários diferenciais dentro da Segurança Pública, e um deles é esse incentivo que a gente dá para as

pessoas que trabalham com a gente. Quando vemos um tutor coordenador interessado, ou um tutor, sendo presencial ou a distância, a gente sempre incentiva a ir adiante, a fazer parte.

Bruno: Bom, acho que estamos caminhando para o final da entrevista. Gostaria somente de fazer mais uma pergunta, que é sobre o novo marco regulatório do EaD no Brasil: como vocês veem o CEDERJ diante dele?

Mônica: O marco regulatório é uma coisa nova. Está em estudo no CEDERJ ainda e, a princípio, não muda muita coisa para curso como o nosso, mas algumas outras instituições de ensino vão ter que se enquadrar. Aqueles cursos que dão muitas facilidades, que são totalmente *on-line*, vão sofrer um pouco para se enquadrar.

Andréa: É uma tentativa de enquadrar algumas instituições de ensino que não prezam tanto por sua excelência acadêmica.

Mônica: Isso. De toda forma, não devemos sentir tantas mudanças nos cursos do CEDERJ. Talvez o que pese para a gente sejam mudanças relacionadas à nomenclatura que utilizamos, como o tutor coordenador, que agora, no novo marco, tem o nome de assistente pedagógico, porque faz mais um trabalho administrativo: montar o horário do polo, fazer a escala dos tutores junto com o diretor do polo, cuidar do horário de aplicação de provas e dos horários de atendimento dos tutores, atender o aluno que precisa fazer matrícula, entregar documentação... Resumindo, ele faz um trabalho administrativo.

O marco regulatório traz primeiro isso. E aí a gente vai ter um problema, porque o tutor coordenador não vai poder mais ser tutor presencial. Esse é um dos grandes problemas para o CEDERJ. Então, ele traz administrativamente uma nova composição dentro dali, mas e traz também nas disciplinas algumas outras mudanças, como a questão de aumentar a presencialidade e a obrigatoriedade dos laboratórios.. tem umas outras coisas, mas para a gente, da Segurança Pública, eu vejo pouca mudança. Mas é uma coisa que ainda está em estudo, então, isso está lá para frente.

Bruno: Mais alguma coisa que deixamos de falar? Algum recado que queiram deixar?

Mônica: Uma outra coisa importante é que o CEDERJ já está pensando na Inteligência Artificial. Então, já começaram a ter os encontros com os coordenadores de disciplina e com os outros grupos interessados, começando esse trabalho de como lidar com a questão da IA. Já é uma preocupação também, que eu acho que está dentro dessa nova reestruturação, de como é vai ser o EaD com a presença da IA, que já é uma realidade.

E, para terminar, o recado é que tem muita coisa para ser feita, mas algumas delas não podemos fazer porque, volto a falar, tem muitas especificidades do curso de Tecnólogo que a gente tem que adaptar. Conseguimos resolver algumas coisas e pensar que hoje, por que é importante aquela tutoria de duas horas, mesmo que os alunos não estejam indo? E aí volto a falar da questão da sementinha, desse esforço, da empatia, do tutor ser ativo e buscar o aluno; de produzir vídeos, mandar recado e incentivar o aluno a estar mais presente. Esse não é somente um desafio do Tecnólogo, ou do CEDERJ ou do EaD, é um desafio que todo o sistema de ensino passa.

Estamos em um momento em que, cada vez mais, estamos lendo menos. Porque, muitas vezes, hoje ouvir um podcast ou uma gravação de três minutos já é muito; a maioria não consegue assistir. Então fica a pergunta: como é que eu vou absorver ou como eu vou entender algum conteúdo? Porque eu tenho um entendimento e uma compreensão, na leitura, entender e compreender são diferentes. Eu, como matemática, posso trazer um exemplo simples, não tem como a pessoa aprender a multiplicar, sem antes aprender a somar. Tanto no EaD como no ensino em geral, é preciso buscar soluções, e a IA. traz esse desafio para educação.